**Práticas curriculares e desigualdades sociais: história da imagem e história das palavras**

José Lucas Coutinho de Moraes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Alana de Souza Bastos - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Renata Salles Pacheco Cardoso - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**1 Considerações iniciais**

A presente pesquisa tem como objetivo estudar o processo de juvenilização que ocorre na educação de jovens e adultos do Leste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro e coletar informações acerca desse evento a partir do estudo de caso de dois ateliês de formação de fotografia e escrita literária.

Ademais, pretende-se analisar as experiências didático-metodológicas a partir fotografia e da literatura e a sua correlação com uma prática pedagógica que vise à autonomia das juventudes periféricas de duas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro.

A partir da coleta de dados acerca da formação docente na região Leste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, além da observação de práticas pedagógicas infantilizadas destinadas ao público da EJA, foi possível perceber uma modalidade cada vez mais jovem. A legislação assegura que a idade mínima para ingresso e conclusão do ensino fundamental na modalidade EJA seja 15 anos, no entanto, muitos autores têm criticado esse corte etário, uma vez que é crescente o número de escolas que utiliza a modalidade com o viés de correção de fluxo.

Para Almeida e Corso (2017), essa determinação legal aliada aos problemas enfrentados pela escola corrobora para que ocorra a juvenilização da EJA, acarretando novos desafios no campo político e pedagógico dessa modalidade de ensino.

Nesse sentido, o estudo sobre a didática docente, com o intuito de identificar os caminhos metodológicos percorridos por uma escola noturna de EJA e os “descaminhos” na produção dos sentidos educativos e das práticas pedagógicas que abordem as contradições da história dos jovens trabalhadores e do direito à educação de qualidade, se faz extremamente relevante.

**2 Metodologia**

A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa, pois a pesquisa preocupou-se com o contexto da escola de EJA a ser investigada. Desse modo, realizamos uma abordagem sistemática acerca da realidade social dos sujeitos. Minayo e Sanches (1993, p. 244), ressaltam que a pesquisa qualitativa atua no campo da subjetividade e do simbolismo.

Os dados incluem o registro de trinta e cinco estudantes com a literatura e a análise das fotografias que foram realizadas por eles. A idade aproximada dos participantes varia entre 15 e 56, sendo a maioria pertencente a faixa etária de 15 a 27 anos.

Nossas investigações aproximam-se do procedimento de pesquisa de estudo de caso, ao nos debruçarmos sobre uma situação específica, ou seja, os sentidos produzidos pelos jovens durante os ateliês formativos. De acordo com Ponte (2006, p. 2) essa investigação particularista contribui “[...] para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse”. A proposta dos ateliês nos aproxima da concepção descrita por Bassi (2007), onde a escola se torna um grande laboratório de práticas educativas que amplia as abordagens e os olhares criativos dos adultos. Nesse sentido, corroboramos com Malaguzzi (1999) que a metodologia dos ateliês de fotografia e escrita literária permitem experimentações, coletividades e diálogo que promova a reflexão ética e crítica sobre a realidade dos estudantes.

**3 Resultados e discussões**

Percebemos no “Ateliê de fotografia: Memória e História” que os jovens participantes apresentaram resistência em fotografar a escola como um lugar importante de memória e sentido em suas vidas. Dos resultados, podemos perceber, por exemplo, a animação dos alunos em participar dessa atividade, uma vez que não é uma prática recorrente na escola. Foi a primeira vez que a escola recebeu a presença de universitários e, ao mesmo tempo, formação continuada de professores. Arroyo (2017) diz que a pedagogia tem dificuldade em ver o ser humano em sua totalidade. Para o autor, a educação ainda vê espírito e corpo contrapostos. Nesse sentido, é urgente a necessidade em visualizar as juventudes em suas totalidades corpóreas e que os projetos educacionais com a EJA trabalhem com o corpo, a diversidade e as culturas juvenis.

Antes de fotografar alguns estudantes narraram suas trajetórias de trabalho, o cansaço que influencia na concentração de estudos e, ainda, relataram o que imaginam para as suas vidas após a escola.

Ao decorrer do ateliê, alguns estudantes demonstraram interesse de produzir fotos e vídeos a partir de perguntas motivadores e compartilharam também relatos pessoais. Dessa maneira, foi possível de forma singular entender alguns pontos de vista distintos destes estudantes sobre suas vivências não somente no espaço escolar como em suas vidas. Para além disso, o ateliê de fotografia tornou possível os diálogos sobre os planos futuros, como por exemplo, o sonho de concluir a educação básica, cursar o ensino superior e conseguir um emprego.

Em um dos vídeos uma das estudantes, Jenifer Santos, 21 anos, falou sobre as motivações que a levaram a retornar para escola: “*A minha motivação em específico é o meu sonho em ser advogada, fazer a minha faculdade de Direito. Por isso, resolvi voltar a escola, estava há três anos sem estudar. Em 2023, resolvi voltar estudar exatamente por causa desse sonho.*” O ateliê de fotografia, nesse sentido, foi um meio desses estudantes se enxergarem como sujeitos capazes de ingressar em uma universidade e expressar esses desejos. Dessa forma, esse contato escola-universidade possibilitou diálogos que os fizeram ter curiosidade sobre o ambiente universitário e os cursos dos mediadores.

Ciavatta e Ferreira (2023) refletem que o espaço dedicado à memória fotográfica possibilita a emergência de sujeitos sociais, trabalhadores de todos os tempos e “com isso queremos dizer que passado e presente se interpenetram e projetam, em cada novo instante, o futuro” (Ciavatta; Ferreira, 2023, p. 36).

Dos resultados do ateliê formativo denominado “Minicontos digitais: Uma prática de letramento literário e digital com a EJA”, observou-se não só um afastamento desse público em relação à literatura, mas também as desigualdades frente ao letramento digital, com o uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Dos minicontos produzidos digitalmente pelos estudantes, surgiram temáticas como violência, trajetória escolar e amor. Sendo assim, foi possível perceber, na prática, a função reparadora da EJA (BRASIL, 2000), na qual os sujeitos que foram negados à educação retomam o acesso a esse direito.

Além disso, o trabalho com a literatura digital foi significativo para a construção das vozes, trazendo protagonismo a esse indivíduo, valorizando as relações comunicativas midiáticas e os enunciados criados e produzidos por eles. Portanto, conclui-se que essa prática está diretamente relacionada ao que aponta o Parecer CNE/CEB 11/2000 sobre os letramentos na EJA: “A incorporação dos códigos relativos à leitura e à escrita por parte dos alfabetizados e letrados, tornando-os quase que "naturais", e o caráter comum da linguagem oral, obscurece o quanto o acesso a estes bens representa um meio e instrumento de poder” (BRASIL, 2000, p.7).

**4 Considerações Finais**

O estudo de caso desses dois ateliês formativos nessas duas escolas públicas nos permitiu compreender a importância do trabalho docente na perspectiva da criação, isto é, em criar outras possibilidades de leitura do mundo, com a interpretação de diferentes linguagens partilhadas entre os sujeitos.

As investigações que tenham como finalidade aprofundar os estudos sobre a formação continuada de professores e o porquê da emergência do fenômeno da juvenilização na EJA, são essenciais para a reformulação curricular e garantia do direito à educação de qualidade. Trata-se de potencializar a autoria e autonomia dos sujeitos, traduzindo em seus olhares (poesia, literatura, vídeos, fotografias) o que veem, sentem, vivem e como produzem cultura (Almeida, 2022).

A realidade percebida a partir da memória, história e narrativas das juventudes, é muitas vezes diferente daquela lida em um texto ou relatada. Portanto, as experiências presenciais são múltiplas e indispensáveis nesse tipo de pesquisa.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, A. **Caminhos e descaminhos na docência com a EJA: história da imagem e história das palavras em práticas curriculares.** Rio de Janeiro: UERJ, 2022.

ALMEIDA, A.; CORSO, A.M. **O processo de juvenilização na educação de jovens e adultos: aspectos sociais e históricos.** In.: JOCA, A.M.; FERNANDES, D. G. (org.). Juventudes: possibilidades em movimento. Curitiba: CRV, 2017, p. 161-172.

BASSI, L. **Reggio Emília:** uma experiência inspiradora. 43. ed. Brasília, DF: DPE/SEB, 2007.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. Parecer CNE/CEB 11/2000. Brasília: MEC, 2000.

CIAVATTA, M.; FERREIRA, N. **O passado e o presente: memória e história fotográfica das lutas do Sintuperj** (2000-2006). In.: CIAVATTA, M. (et.al). **Fotografia como fonte de pesquisa:** da história da educação à história de trabalho-educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2023.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L. e FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; ROMERA, Edison. **Orientações para uma descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel.** Sociologias. 2018, v. 20, n. 47, p. 108-137.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cadernos de Saúde Pública, 9 (3), 1993, p. 239-262.

PONTE, J. P. **O estudo de caso na investigação em educação matemática.** Quadrante, 3(1), 3–18., 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.48489/quadrante.22652>. Acesso: set., 2023.

SILVA, M. R.; COSTA, J. G. **Método e metodologia: implicações na prática docente.** Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Encontro do PDE; Faxinal do Céu: 2008. Disponível em http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/docs\_pdf/metodo\_metodologia\_pratica\_docente.pdf. Acesso: jun., 2023.